

ECONOMIA SOLIDÁRIA: A NOVA FORMA DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO COMO ALTERNATIVA NA GERAÇÃO DE RENDA NO PROJETO DE ASSENTAMENTO RANCHO ALEGRE, ARAGUATINS-TO

Vanice Conceição do Nascimento¹, Lineardo Ferreira de Sampaio Melo², Jucilene Alves dos Santos²

¹Acadêmica de Bacharelado em Engenharia Agrônoma – IFTO. e-mail: vanice.if.agro@gmail.com

²Docente, IFTO, e-mail: lineardo@ifto.edu.br

² Servidora – IFTO. e-mail: Jucilene.alves@ifto.edu.br

Resumo: A economia solidária surge como uma possibilidade de geração de renda, inserção e mudança social. Pois, se baseia na ideia de que os benefícios da atividade econômica devem estar ao alcance daqueles que a realizam, ou seja, dos trabalhadores. O presente trabalho foi desenvolvido no Projeto de Assentamento Rancho Alegre município de Araguatins – TO, a fim de descrever as novas formas de trabalho como geração de renda presentes na localidade. A metodologia executada foi através da aplicação de questionários contendo 12 (doze) questões objetivas, no qual abordaram assuntos relativos ao tema apresentado, sendo aplicada dia 16 de fevereiro de 2018. Foram visitadas 23 (vinte e três) propriedades. Constatou-se uma maior porcentagem de mulheres do que homens nas residências das propriedades, tal resultado se deu pelo fato de que as mulheres são responsáveis pelas tarefas de casa e os homens pelo trabalho no campo. De maneira geral no que se refere a realização de cursos ou treinamentos para aperfeiçoar as atividades desenvolvidas e assistência técnica ou acessória, pôde-se notar que tais quesitos foram muito baixo. Dentre os resultados obtidos, cabe ressaltar que a questão de solidariedade está presente em todas as propriedades visitadas, ou seja, a economia solidária fez e faz surgir antigos valores que até então pareciam esquecidos, mas que são indispensáveis na construção de uma nova realidade econômica mais justa e igualitária.

Palavras-chave: agricultura, autogestão, cooperativismo, desenvolvimento local, inclusão social

1 INTRODUÇÃO

Segundo Gaiger (2009), a economia solidária tem sua origem em um novo capítulo da história da Economia Social, cujas raízes mais distantes datam do século XIX. Ele explica que, naquela época, frente às turbulências sociais provocadas pela Revolução Industrial, o associativismo surgiu como uma resposta de operários e camponeses que se caracterizava desde seus primórdios por formas de gestão autônomas e democráticas.

No Brasil, a economia solidária chega em 1980 e se fortalece a partir de meados dos anos de 1990. Um dos fatores que contribuiu para que ocorressem tais iniciativas foi a exclusão dos trabalhadores do mercado de trabalho. Surgindo como reação à crise na forma de numerosas iniciativas locais (FRANÇA FILHO, 2006).

No geral, a economia solidária não é uma alternativa somente para os pobres e excluídos, mas proporciona avanços em diversos domínios e contextos, e envolve de maneira responsável amplos segmentos da sociedade.



Para Laville e Roustang (1999), o conceito de Economia Solidária baseia-se em uma ênfase sobre o desejo da Economia Social, em sua origem, de evitar o fosso entre o econômico, o social e o político, pois é na articulação dessas três dimensões que se situam os fundamentos essenciais das Economias Social e Solidária.

Atualmente a economia solidária se encontra em consonância com os princípios associados a outras práticas alternativas e estabelece as bases e fundamentos para uma forma mais equilibrada e mais solidária com os outros e com a natureza.

Contudo, a economia solidária fez e faz surgir antigos valores que até então pareciam esquecidos, mas que são indispensáveis na construção de uma nova realidade econômica mais justa e igualitária. Passando a ser então, uma forma de economia que destina a produzir o bem-estar coletivo e não a acumulação de riquezas. Por isso, na sua finalidade básica não é maximizar o lucro, mas a quantidade e qualidade do trabalho.

Assim sendo, este estudo tem por objetivo apresentar a importância e descrever as novas formas de trabalho como geração de renda desenvolvido nas propriedades do Assentamento Rancho Alegre no município de Araguatins Tocantins.

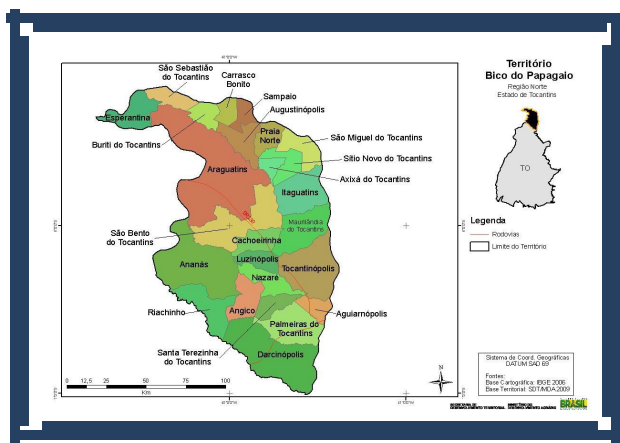
2 METODOLOGIA

2.1 Área de realização

O estudo foi desenvolvido com produtores rurais do P.A Rancho Alegre localizado a 20 km do município de Araguatins-TO.

Araguatins é um município brasileiro no estado do Tocantins (Figura 01). Localiza-se na microrregião do Bico do Papagaio, com altitude de 103 metros, posicionado às margens do rio Araguaia. Sua população estimada é de 35.216 habitantes, e sua área de 2 627,280 km² (IBGE, 2017).

Figura 01: Mapa do Bico do Papagaio – TO.



Fonte: Base cartográfica IBGE, (2010).

O Estado de Tocantins possui uma área de 277.620,9 km², com 1 523 902 habitantes, decompostos em 139 municípios. Tendo como a capital do estado Palmas. O Bico do Papagaio (Figura 01) possui uma população estimada de 196.367 habitantes e está dividida em 25 municípios possuindo uma área total de 15.767,968 km² (IBGE 2013).

2.2 População e amostra

O presente trabalho teve como foco os agricultores familiares do P.A Rancho Alegre município de Araguaína - TO, totalizando 23 produtores. Os mesmos foram convidados a participarem deste trabalho através de um questionário que envolvia 12 perguntas objetivas.

2.3 Materiais

Como material foi utilizado um questionário com questões sobre atuação da economia solidária praticada no dia a dia dos pequenos produtores, com a finalidade de alcançar o objetivo desejado pelo presente trabalho.

2.4 Coleta de dados

A coleta de dados foi através de questionário com 12 (doze) perguntas objetivas. O mesmo foi aplicado nas propriedades no dia 16 (dezesseis) de fevereiro de 2018.

2.5 Análise de dados

Os dados obtidos foram organizados em formas de tabelas e gráficos com apoio do programa Microsoft Excel e Microsoft Word. A partir das informações obtidas constatou-se valores reais e percentuais dos dados coletado.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Perspectiva da economia solidária do Brasil

A economia solidária ao se direcionar para a reprodução ampliada, engloba tanto ao nível de renda quanto as condições de vida mais gerais, implicando numa abertura de ações sobre o espaço público. Ou seja, ela possui em seu desempenho uma proporção que é pública e que se expressa na criação das atividades econômicas voltadas para o enfrentamento de impasses mais gerais, como a educação, cultura, meio ambiente, entre outros.

Existem alguns princípios fundamentais da economia solidária, dentre tais princípios, existe a autogestão, a mesma em que se busca o trabalho da gestão coletiva. Miller (2010) enfatiza que a economia solidária é um processo organizacional estratégico em todos os aspectos da vida econômica, mais do que o modelo econômico estrutural.

Contudo, a economia solidária surge como uma das possíveis formas de saída para problemas que abate a sociedade em geral. Existem algumas perspectivas para Economia Solidária, mas são instáveis devido ao cenário político, econômico e social que se alteram de acordo com os governos, sendo que tal economia é estabelecida como política nacional podendo ficar menos vulnerável aos mandos e desmandos de interesses políticos de governos que possam ter o propósito de desestabilizar a economia solidária para beneficiar outro setor ou outros interesses.

Então, essa economia busca reverter a lógica do capitalismo em que a quantidade de pessoas que tem acesso à riqueza é cada vez mais reduzido, enquanto aumenta de forma rápida a quantidade de pessoas que só conseguem compartilhar a pobreza e a falta de esperança, precisando de benefícios públicos para atender suas necessidades mais básicas (SINGER, 2002).

Logo, Singer (2003) garante que “uma grande arma para a superação das fragilidades é a ajuda mútua entre os indivíduos, as associações, cooperativas e agências de fomento, que hoje estão unidas no Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES)”.

3.2 Atuação da economia solidária na geração de renda

A economia solidária é costumeiramente relacionada com o desemprego e precarização do trabalho. Imaginar que o emprego assalariado como a forma ideal no mundo de hoje é ignorar todas as estratégias de ocupação e avaliar a economia solidária como ação provisória.

Muitos dos desempregados buscam escapar da relação patrão-empregado e optam por ser independentes como sendo um trabalho autônomo, quando percebem que sozinhos e com poucos recursos é muito difícil competir no mercado, desistem ou procuram alternativas.



De acordo com Abravonay (1998), a pequena produção e arranjos produtivos de base familiar no Brasil tem contribuído de modo expressivo para a riqueza do país. Os empreendimentos socioeconômicos tem, nos anos recentes, demonstrado um desempenho que evidencia sua capacidade produtiva, sem perde o caráter familiar. Certamente o cenário atual apresenta inúmeros desafios, tanto para os empreendimentos tradicionais quanto para os de natureza social, pois a gama de carências e de pretensões continua baseado na incessante produção de mercadorias.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a análise dos dados em relação ao sexo, verificou-se que 74% dos entrevistados eram do sexo feminino e 26% do sexo masculino. Visto que, a tarefa feminina no campo além de contribuir na renda da família, ainda delega para muitos, como atividade complementar da atividade exercida pelo trabalho masculino.

Isto reitera a observação de Menasche e Belém (1998), pois antes de os homens se inserirem no controle da atividade, as mulheres assumiam o papel de ordenhar as vacas e de cuidar da produção de forma natural. Sendo destinadas para as mulheres as atividades cotidianas, como; preparação dos utensílios para a tirada do leite, o trato das vacas e o cuidado com terneiros e para os homens as atividades não cotidianas, como; cuidados com as cercas e pasto.

No que concerne à escolaridade, os resultados obtidos através da pesquisa, constatou-se que os produtores que não concluíram o ensino fundamental, ensino médio e ensino superior foram de 35%, 26% e 9% na devida ordem. Em relação aos que concluíram o ensino médio 30% e não houve presença de pessoas que concluíram o ensino fundamental e ensino superior (Quadro 1). Tais números indicam que a questão da educação neste ambiente é um problema a ser resolvido. E razão disto, existe um grande número de famílias que, por razões adversas, não conseguem completar a educação básica.

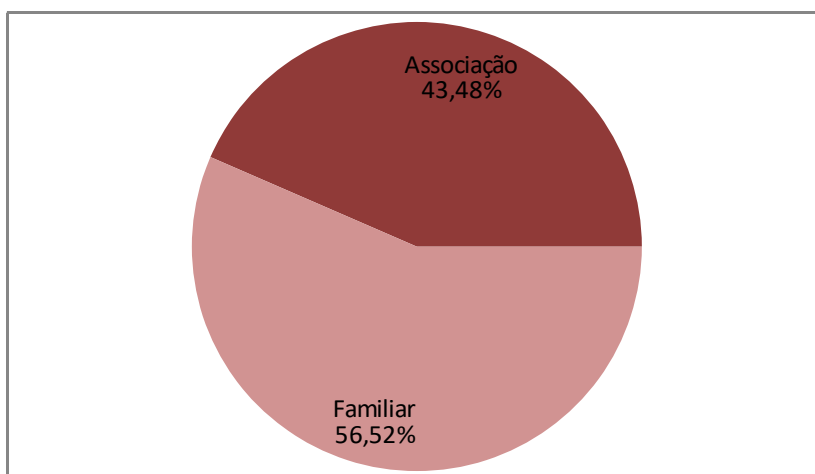
Quadro 1: Representação quanto a escolaridade

Nível de escolaridade	Porcentagem do Nº Produtores
Ens. Fund. Incompleto	35%
Ens. Méd. Incompleto	26%
Ens. Sup. Incompleto	9%
Ens. Fund. Completo	-
Ens. Méd. Completo	30%
Ens. Sup. Completo	-
Total	100%

Fonte: Autores, 2018.

De acordo com os dados obtidos, certificou-se que 43% tinham como forma de organização a associação dos moradores do assentamento. Não houve presença de nenhum entrevistado quanto a outras formas de organização, cooperativa e grupos informais. Porém, notou-se que 57% dos entrevistados se organizavam para realizar suas atividades através da forma familiar (Figura 02). Assim, entende a organização do trabalho no interior de unidades de produção de famílias agricultoras implica analisar esses dois domínios (família e trabalho) da vida social de forma complementar (MOTA, 2008).

Figura 02: Representação quanto a forma de organização do trabalho



Fonte: Autores, 2018.

Em relação ao motivo da criação da atividade nas propriedades do assentamento Rancho Alegre foram obtidos 33% em relação ao desemprego. Por essa razão, os moradores buscam alternativas para conseguirem viver e conseguirem suprir suas necessidades.

Seguido de 29% como complementação de renda que por sua vez busca uma melhor qualidade de vida. 25% desenvolviam suas atividades para a obtenção de bonificação de financiamento ou outro tipo de apoio proveniente do governo. E somente 13% como outro motivo, visto que tal motivo era o de se sentirem bem e gostar de estar inserido naquele ambiente.

Constatou-se, pela pesquisa realizada que, os produtos provenientes da agricultura

familiar da região são bastante diversificados (frutas, verduras, legumes), o que se pode considerar um fator de relevância para a sustentabilidade local, conforme abordam (ABRAMOYAY, 2008).

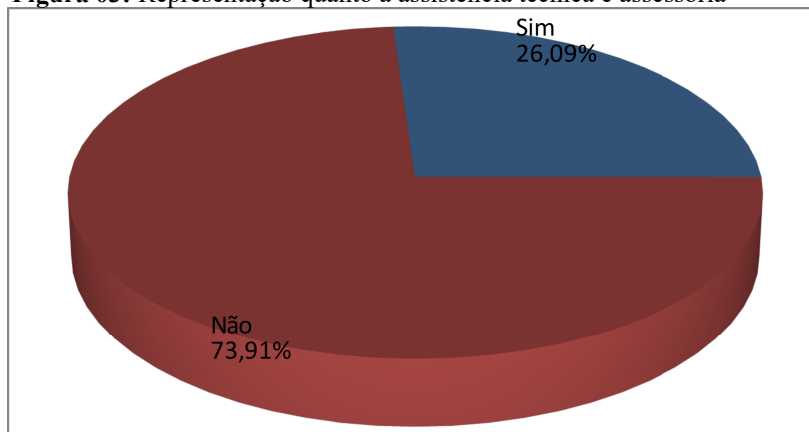
Os principais produtos produzidos e comercializa pelos agricultores participantes do estudo, visto que a maior parte dos entrevistados produzem leite (65,2%), seguido de hortaliças (21,7%), frutas (4,3%), e carnes (8,8%).

A variedade da estrutura produtiva pode representar um mecanismo alternativo para que o agricultor tenha uma renda a mais. Logo, caso haja algum problema climático ou no mercado, o agricultor pode permanecer no meio rural produzindo, junto com sua família.

Em atividades complexas como a agricultura, na qual apresentam grandes variáveis, a assistência técnica é um fator eminente para o seu desenvolvimento. Por causa do elevado número de propriedades que exploram essa atividade, majoritariamente de pequenos produtores, e pela necessidade de melhorar a produção ou manejo, os serviços de assistência técnica e extensão rural constituem em importantes instrumentos de apoio ao desenvolvimento desta atividade.

Dados da pesquisa mostram que 74% dos produtores não recebem assistência técnica e apenas 16% disseram que sim (Figura 03). O fato é que a assistência técnica tem sido um entrave no sistema produtivo das pequenas propriedades pelo fato de que os proprietários não possuem recursos para obter esta assistência, além disso existe a carência de profissionais especializados para desenvolver um bom trabalho junto com os produtores.

Figura 03: Representação quanto a assistência técnica e assessória



Fonte: Autores, 2018.



A solidariedade não significa apenas reconhecer a situação delicada de uma pessoa ou grupo social, mas também consiste no ato de ajudar essas pessoas desamparadas.

A existência da solidariedade no assentamento correspondeu a 100%, ou seja, todos os entrevistados relataram que ajudam uns aos outros sem trocas em valores em dinheiro. Isto é, como economia solidária é ter valores culturais que colocam o ser humano em primeiro lugar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração o estudo realizado e os dados obtidos, foram possíveis chegar aos objetivos deste trabalho. Pois, pode-se perceber que os produtores do projeto de assentamento Rancho Alegre apresentam predominantemente resultados positivos quanto a solidariedade. No entanto foi traçado algumas considerações sobre a agricultura familiar, bem como as dificuldades encontradas por estes produtores quanto a obtenção de assistência técnica, desemprego, investimentos e custeio.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Agricultura familiar e serviço público: novos desafios para a extensão rural**. Cadernos de Ciência & Tecnologia, v. 15, n. 1, p. 132-152, jan./abr., 1998. ABRAMOVAY, R. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. 2ª ed. Campinas: Ed. Hucitec; Ed. Unicamp, 1998.

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2ª ed. Campinas: Ed. Hucitec; Ed. Unicamp, 1998.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pecuária Municipal 2011-2013**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativa Populacional 2017-Araguatins-to**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

LAVILLE, J-L.; ROUSTANG, G. L'enjeu d'un partenariat entre État et société civile. In: DEFOURNY e outros. **Economie social au Nord et au Sud**. Bruxelles: Deboeck, 1999. 217-238 p.

MANASCHE, R.; BELÉM, R. da C. **Genero e agricultura familiar. Trabalho e vida na produção de leite do Sul do Brasil**. Jun.1998. Disponível em: <http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_137.pdf>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2018.



MILLER, Ethan. **Solidarity Economy key Concepts and Issues.** Chapter 2 in *Solidarity Economy I: Building Alternatives for People and Planet*. Amherst, MA: Center for Popular Economics, 2010.

MOTA, Dalva Maria da. **Olhares sobre a família e trabalho no espaço paraense.** Mimeo, 2008. p. 25.

SINGER, Paul. *Globalização e Desemprego*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SINGER, Paul. “**A recente ressurreição da economia solidária no Brasil**”. in Boaventura de Sousa Santos (org.) (2004). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Porto: Afrontamento, 71-107.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. SP. Editora Perseu Abramo. (2002).